

ESTILOS - PERÍODOS CURTOS E LONGOS

(Célio Pinheiro)

RESUMO: O tamanho dos períodos gramaticais é uma das marcas estilísticas. Período longo e tenso, fatores de época determinam escolas ou movimentos literários e com períodos curtos e períodos longos. **PALAVRAS-CHAVE:** Períodos gramaticais. A unidade da comunicação é o período gramatical; período é um sentido global fracionado em outros sentidos parciais, encadeados entre si ou correlacionados entre si. (...) o período é, pois, um agrupamento de orações, salvo o caso de ser simples. A oração é, pois, a unidade de período (GÓIS, 1957: 15). O tamanho do período pode sofrer alterações na dependência de uma grande série de fatores: o estilo do autor, a época, o assunto da comunicação, seu gênero, a finalidade, entre outros. Pretendo, neste artigo, mostrar estes tipos de extensão de períodos por seus fatores e expor as possíveis causas das extensões. Aparentemente, o período curto seria o mais próprio: comunicaria economicamente. Contudo, literatura é a transfiguração da palavra e este processo de transfigurar pensamentos faz com que o comunicador enverede por soluções inesperadas; o resultado é uma beleza maior da fala ou do texto, mas com um tamanho geralmente maior. Muitas pessoas transfiguram a realidade ao comunicá-la a outrem: isto é estilo; isto é literariedade, mesmo que o comunicador dela não se aperceba. Medir o grau de literariedade dos textos é função dos críticos; e crítico é todo aquele que lê; dizer "Gostei deste texto" ou "Não gostei deste texto" é que fará famosa ou esquecida a escritura.

FATORES TÉCNICOS Classificação das preposições. O período pode ser simples, complexo ou composto na forma. Na espécie, os períodos podem ser declarativos, interrogativos, exclamativos, imperativos e optativos. Na função, classificam-se em independente, ou: com preposições coordenadas ou subordinadas. Ou misto. Quanto ao conectivo que une as preposições (menos o independente) serão essas preposições conjuncionais, relativas, infinitivas e participiais; o período também poderá ter preposições coordenadas sindéticas ou assindéticas e justapostas. As funções (menos para o período independente) serão substantivas, adjetivas e adverbiais. E quanto aos tipos, os períodos podem ser contraídos, plenos elípticos ou pleonásticos. (Verificar o quadro classificatório in PEREIRA, 1946: 301.)

Períodos "tensos" e "frouxos". Se a escolha da oração principal parece não ser (...) tarefa gratuita, sua posição dentro do período tampouco deve resultar apenas do puro acaso (...). Uma dessas normas (...) recomenda que se coloque, sempre que possível, nas extremidades dos períodos, os termos ou orações a que se queira dar maior relevo (GARCIA, 1969: 40). Emprestamos de Othon M. Garcia a classificação dos períodos em tensos e frouxos. Segundo esse grande gramático, frouxo é o período composto que começa com oração principal, ou coordenante; e tenso é aquele que inicia com oração subordinada ou coordenada. Ele justifica a maior beleza e interesse do período tenso pelo processo de a proposição condicionante, por beleza e interesse do período tenso pelo processo de a proposição condicionante, por exemplo, vir antes da condicionada: Se ela me ama, entenderá. No caso de o autor construir seu período inversamente (Ela me entenderá se me amar), ele se chamará frouxo, porque o ouvinte, ou leitor não terá o "suspense" que o período tenso contém.

Orações semióticas. São orações elípticas ou de sentido latente, exemplo: As mulheres são mais delicadas, conforme todos afirmam. A oração semiótica é que são mais delicadas, pois o completo conteúdo do período é: As mulheres são mais delicadas, conforme todos afirmam que são mais delicadas.

Orações dependentes e independentes. São independentes as orações absolutas dos períodos simples e as orações coordenadas. Destas, a real independência depende das preposições, ou do contexto que forma o período. As dependentes são as subordinadas. Os ilhais da fera arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a boca, as pernas vergam e resvalam e os olhos amortecem de cansaço (REBELO DA SILVA, apud GÓIS, 1957: 133). Neste belo período do conto "A última corrida de touros em Salvaterra", inserido no livro Contos e lendas (1873), de Luís Augusto Rebelo da Silva, todas as orações têm vida própria e independem umas das outras: "As ilhargas do touro arfam de fadiga", "A espuma forma franjas na boca do touro", "As pernas do touro vergam", "As pernas do touro resvalam", "Os olhos do touro amortecem de cansaço". Despontando em meio ao embaçado da hora, flamboyants coroados de vermelho erguiam suas flores lá em cima, buscando curiosas um espiar do dia chegado (PIANTINO, 1994: 5). Neste igualmente belo período, a oração principal "Flamboyants coroados de vermelho erguiam suas flores lá em cima" torna as duas outras indissoluvelmente dependentes: "Enquanto despontavam em meio ao embaçado da hora" e "Porque buscavam curiosos um espiar no dia chegado (ou, ainda, "O qual dia chegava)". Evidencia-se a clareza do período composto por coordenação pela independência das preposições, e a "amarração" do período subordinado. Assim, subordinar o interior do período torna-o propenso, se longo, a fiar emaranhado., distante da clareza.

Fatores de época. A finitude em que vivemos obriga-nos ao culto dessa variável relativa que é o tempo. Para Deus que é, ou observa, todo o universo de uma só vez, não têm sentido as palavras eternidade, morte e tempo. Para o homem, o tempo é quase essencial; por isto, achamos que o tempo muda. Qualquer fator "novo", como a adis, o avião, o motor de pistão, a pólvora, faz as épocas serem (ou parecerem) diferentes. Épocas desiguais fazem as escolas literárias, cada uma delas aparentemente semelhante a outra (ver PORENÇA FILHO, 1969), mas com marcas próprias, com nomes

diferenciados; há estilos renascentista, barroco, romântico, realista, neo-realista, surrealista, modernista... A extensão dos períodos também depende de épocas literárias. Se fosse só pela distinção dos estilos de época, teríamos os seguintes usos genéricos do período: na Renascença (Classicismo) a extensão dele seria longa; no Barroco, curta; no Romantismo, maior ênfase para período curto, mesclado ao longo atrás das emoções; no Realismo, longo mesclado ao curto na busca de detalhes; no Neo-Realismo, curto; no Modernismo, curto. Vejamos exemplos. Classicismo - Ó tu, tens de humano o gesto e o peito, / se de humano é matar uma donzela / fraca e sem força, só por Ter sujeito / o coração a quem soube vencê-la, / a estas criancinhas tem respeito, / pois o não tens à morte escura dela: / mova-te a piedade sua e minha / pois te não move a culpa que não tinha (CAMÕES, 1927: 381). São dez orações em um só período, a principal é Ó tu, a estas criancinhas tem respeito. Barroco - Assim há de ser o pregar. Hão de cair as coisas e hão de nascer; tão naturais que vão caindo, tão próprias que venham nascendo. Que diferente é o estilo violento e tirânico que hoje se usa! (VIERIA, 1959: 18). A divisão pode acusar cinco períodos com nove orações. Romantismo - O favo da jati não era doce como o seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão pelas matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara (JOSÉ DE ALENCAR, apud TAVARES, 1969: 470). São dois períodos com sete orações. Realismo - Na verdade, Capitu ia crescendo às carreiras, as formas arredondavam-se e com grande intensidade; moralmente, a mesma cousa. Era mulher por dentro e por fora, mulher à direita e à esquerda, mulher por todos os lados, e desde os pés até à cabeça (MACHADO DE ASSIS, apud MOISÉS, 1968: 187). Há três períodos com oito orações. Neo-Realismo e Modernismo - Foices ligeiras e eles não sentem as mãos. Caras à seara, caras à resteva. Ramalhar de espigas e estalidos nas gavelas. / As cabeças num rodopio, dos xabocos ao céu cinzento - tudo em vertigem. Bocas secas (REDOL, 1972: 92). Em oito orações, quase todas semióticas, temos um total de seis períodos.

Assunto e finalidade. A extensão do período gramatical está intimamente presa ao seu assunto (ou ao assunto do seu contexto). Tentemos mostrar este imbricamento de assunto do período com o seu tamanho, usando o sensível, belo e delicado conto "Lápis branco" de Marilurdes Martins Campezi. Sua efabulação é a pergunta: para que um lápis sem cor, no conjunto dos lápis de cor? No final do conto, a personagem descobre, maravilhada, a função anuladora que o próprio lápis branco tem; a Autora precisava de períodos concluintes de tamanhos médios (isto é, neutros, nem curtos, nem longos, ou mais curtos que longos) e terminou a história assim: Ao chegar a casa, coloquei o lápis branco num solitário vaso de prata, destacado na decoração simples. Ele permanece ali, como uma eterna flor. Carrega em si a história da convivência, pois muitas vezes são os lápis brancos que dão sentido à existência ("Plural", 1995: 23). São três períodos com duas orações cada; menos o terceiro, com três orações; só são três muito circunstancialmente, pois suas duas últimas orações são, realmente uma só: pois muitas vezes os lápis brancos são aqueles, / os quais dão sentido à existência, em que aqueles significa definidores da existência; vale dizer que Marilurdes Martins Campezi enfeixou seu conto nesta lição: A vida só vale pela neutralidade, quando conseguimos nos anular em favor dos outros. Assim, é o assunto que comanda a escolha feita pela autora quanto ao tamanho dos períodos. O que também está "amarrado" à finalidade do texto. O autor sempre parte de lago básico, profundo e que quer demonstrar. Em nosso exemplo a contista Campezi quis evidenciar como a neutralidade do branco significa a necessidade de anulação em favor do próximo. O comunicador sempre condiciona o assunto à finalidade da mensagem. Os gêneros textuais. A escolha do jeito para construir o texto leva à classificação do gênero. Há estilos que "vestem a roupa" da poesia pela musicalidade e pelo sintetismo; e há os que preferem o largo campo analítico da prosa. Nesta, há, por exemplo, a linguagem jornalística. A prosa de jornal tem muito a ver com o espaço que o texto vai ocupar; definido pelo paginador que determinada matéria terá que caber em certo espaço, cabe ao escritor fazer a adequação. O resultado é uma compressão de várias orações dentro de períodos, às vezes, bem extensos. Eis alguns exemplos. O desafio que encontram nossas sociedades é substituir ambientes em que os esforços apontam em direções conflitantes por outros em que os interesse individuais sejam mais bem recompensados por iniciativas que promovem o interesse coletivo (artigo de Cláudio de Moura Castro, "Um pé na inteligência, outro na burrice", discorrendo sobre os ambientes em aeroportos, in VEJA, 27/08/1997: 126). Cientistas descobriram imensos 'rios' de plasma, material gasoso carregado eletricamente, sob a superfície solar, perto da região dos pólos, um fenômeno surpreendente que pode ajudar a entender as manchas solares e outros distúrbios que freqüentemente provocam tempestades eletromagnéticas e falhas de energia na Terra" ("O ESTADO DE SÃO PAULO", 30/08/1997: A26). Um dos meus mais atentos leitores me fez uma pergunta intrigante sobre o fato de só recentemente, em Nova Fase do Direito Moderno, publicado em 1990, ao completar oitenta anos, ter externado minha opinião pessoal sobre a idéia de justiça, asseverando que é mister abandonar tanto o propósito de alcançar uma "idéia universal" do justo quanto o de oferecer um quadro completo de seus requisitos e perspectivas, dada a sua essencial correlação com a experiência histórica mutável e imprevisível (artigo de Miguel Reale, "Justiça e velhice" in O ESTADO DE SÃO PAULO, 06/09/1997: 2). O ensaio jurídico oferece, dentro da prosa, a chance de verificarmos um tipo de paradoxo; a linguagem jurídica, aparentemente prolixa - porque sempre argumentativa - pode não ser construída com períodos extensos. Eis um exemplo: Ao julgar uma contentada, o juiz é neutro. Nem por isso sua sentença dá por empatada uma causa. Ele pesa com imparcialidade os elementos probantes; e, apesar de neutro e imparcial, diz onde estão a razão, o direito, justiça (SILVA, 1994: 15). O gênero poético pode parecer sugerir berço de períodos longos, como vimos na estrofe camonianiana anteriormente transcrita; mas

pode ser depositário de períodos curtos: Em agosto / o ipê não é roxo. / O ouro empresta-lhe / o fogo do sol, / e seus galhos nus / se enfeitam de amarelo. (...) /// A cara esquelética / de agosto / reserva uma gota de verde / para época da flora (DAMAZO, 1994: 55).

Conclusões. 1ª. A extensão do período é fator bem ponderável para se classificar a literariedade de um texto; uma extensão desmedida pode prejudicar a inteligência e enfeiar a comunicação; 2ª. As frases independentes tornam mais clara a comunicação; 3ª. A extensão dos períodos depende de muitos fatores, até do gênero em que se insere e da época a que pertence; 4ª. Todos os fatores afunilam-se no estilo de cada comunicador, atropelando até critérios de gênero e de época; por exemplo, este é um texto de gênero ensaístico jurídico claro com período mais longo do que o exemplo do mesmo gênero mostrado antes: A ação é direito subjetivo instrumental, e mais que um direito é poder, poder de exigir a prestação jurisdicional, que não corresponde a uma obrigação do Estado, eis que este também tem interesse na solução da lide ou na distribuição da justiça (PANCOTTI, 1997: 59). 5ª. É o estilo do autor do período que mais influencia sua extensão; o estilo que usa períodos curtos é o mais claro e atraente para os críticos determinarem a beleza do texto ou da fala.

Célio Pinheiro Ex-professor do Curso de Letras das Faculdades Toledo de Araçatuba-SP Literatura Portuguesa (S. Paulo, Pioneira, 1991). Telefone: 0 xx 18 623 8149

In Revista Universitária, Faculdades Integradas Toledo - Araçatuba, v. 1. n.1, out. 1997.

<http://www.toledo.br>

<http://www.portrasdasletras.com.br/>